



## **Manifesto Contra-Cartográfico: Desmapear o Mundo, Construir Barricadas, Criar Quebradas<sup>1</sup>**

Rafael Tavares dos Santos Almeida<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo sintetiza parte de uma pesquisa de mestrado realizada entre os anos de 2021 e 2023 junto a população de rua na cidade de Goiânia. O artigo adota a abordagem de escuta flâneur para analisar espaços chamados de "quebradas" pela população em situação de rua. Objetiva-se evidenciar as características únicas desses locais, explorando dinâmicas, representações, limites e potenciais, vendo-os como zonas pouco exploradas na paisagem urbana, onde emergem alternativas discretas. Buscamos avaliar as influências desses espaços e questionar sua possível natureza arquitetônica contra-hegemônica e como alternativas de moradia. Historicamente, essas "quebradas" indicam uma oportunidade de desafiar hierarquias de poder, promovendo um paradigma autonomista, onde vozes marginalizadas substituem narrativas vencedoras. No entanto, a experiência dos moradores de rua no espaço urbano, e suas reivindicações, frequentemente são negligenciadas pelas teorias urbanas predominantes. Este estudo investiga a viabilidade de reconstruir narrativas urbanas a partir das perspectivas das ruas. Exploramos conceitos como a Zona Autônoma Temporária (TAZ), heterotopias e barricadas para analisar as características singulares das "quebradas", vendo-as como uma alternativa de resistência urbana contra o poder estabelecido. Trazer as "quebradas" ao centro do debate possibilita contemplar a luta diária e intensa pela sobrevivência como uma voz essencial em meio a batalhas contra a hegemonia espacial na cidade.

Palavras-chave: Barricadas, Heterotopia, Quebrada, Zona; Contra Cartografia.

---

<sup>1</sup> Parte desse texto foi publicado na revista VIRUS, n. 25, 2022. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v25/682/682pt.php>. Acesso em: 20 novembro. 2023.

<sup>2</sup> Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade (PPGPC) pela Universidade Federal de Goiás - UFG.

## **Introdução**

Este artigo representa o desdobramento da pesquisa realizada durante a dissertação de mestrado intitulada “Outras Escritas Urbanas: O (In)visível como Observador”, conduzida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade (PPGPROCIDADE-UFG) e na linha de pesquisa “História e Teoria da Arquitetura e da Cidade”. O estudo teve como propósito explorar a percepção dos moradores de rua da cidade de Goiânia em relação à capital.

A metodologia adotada neste estudo consistiu na prática do flâneur, que nos permitiu identificar indivíduos dispostos a compartilhar suas experiências sobre a cidade. As entrevistas foram conduzidas por meio de associação livre com a população em situação de rua, sem seguir um roteiro predefinido, facilitando um diálogo genuíno sobre a cidade. Nosso objetivo era compreender, por meio dos discursos dessas pessoas, a representação da cidade ao explorarem o ambiente urbano em que vivem. Inicialmente, buscávamos analisar as narrativas urbanas para revelar uma visão alternativa da cidade, com especial atenção aos espaços ocupados e ao estilo de vida nas ruas.

Devido à minha formação em arquitetura e urbanismo, acreditava que mapear esses modos de vida nas cidades por meio de uma cartografia poderia proporcionar uma compreensão mais profunda do fenômeno dos moradores de rua, que tem se agravado nos tempos atuais. Entretanto, durante as entrevistas, observou-se que a população em situação de rua, apesar do impacto negativo da invisibilidade, muitas vezes utiliza essa mesma invisibilidade de forma positiva como mecanismo de defesa e sobrevivência. Ficou claro que táticas de contra-cartografias ou criação de vazios são empregadas para moldar modos de existência em resistência ao modelo colonial.

Como embasamento teórico, incorporamos os conceitos da Zona Autônoma Temporária (Bey, 2018) e a ideia da barricada como uma forma de construção proposta por Benjamin, na qual se estabelece uma quebrada, aproximando esses conceitos das narrativas compartilhadas pelos entrevistados.

## **Vazio, Desejo e Subversão: Investigando as Quebradas na Era do Horror ao Vazio**

De acordo com Fábio Zuker (2020), o horror ao vazio, do latim *Horror Vacui*, representa uma característica intrínseca do estilo barroco e rococó. Nesses estilos, nenhum espaço é deixado vazio; sempre deve ser preenchido por algum elemento. Os espaços são ocupados de forma densa e opressiva, o que se tornou ainda mais evidente durante a era das navegações portuguesas e espanholas, quando o medo do vazio se intensificou. Mapas de terras desconhecidas eram adornados com figuras monstruosas, como sereias, monstros marinhos, animais exóticos e civilizações lendárias. Em essência, o horror ao vazio representava uma resistência estética contra um novo mundo que se aproximava, uma recusa em aceitar o desconhecido. Dessa forma, o novo mundo já estava sendo conquistado e controlado, mesmo antes de ser verdadeiramente conhecido. O vazio podia ser preenchido com imagens familiares, uma forma de poder baseada na assimilação completa (Zuker, 2020).

Por outro lado, o barroco e seu medo do vazio surgiram como uma resposta à contra-reforma. Ele construiu um discurso sistêmico e totalitário, eliminando as dúvidas e inseguranças do maneirismo, consolidando a visão centralizada do poder da Igreja Católica e suprimindo tudo o que estava fora desse círculo. A proposta deste trabalho é simples: inverter o horror ao vácuo para investigar o vácuo do horror, transformando o medo do vazio em uma investigação sobre o próprio vazio do medo. Assim, busca-se reposicionar as espacialidades excluídas e silenciadas, revelando tanto seus discursos (contra-hegemônicos) quanto os discursos (hegemônicos) que as suprimem.

Nesse contexto, para explorar essas espacialidades obscurecidas e silenciadas, é crucial escavar "pistas" e "guias" de suas estruturas. É necessário reconstruir essas espacialidades por meio das relações interpessoais, dos silêncios e das temporalidades adormecidas que formam, na cidade contemporânea, um espaço negativo. Esses espaços, muitas vezes rotulados popularmente como "quebradas", vão além de simples esconderijos de atividades heterotópicas. Geralmente localizados em ruínas da civilização moderna, eles desafiam suas fundações, entrelaçando dor e prazer, desejo e subversão. Operam numa lógica de revolta, intensificação e anulação, em vez de alternativa, inversão ou diferença.

Antes de examinar as semelhanças e diferenças entre as quebradas contemporâneas e as barricadas da época de Haussmann, é essencial investigar mais a fundo as características desses espaços onde o nada pode ser mais profundamente nada, e onde cada indivíduo pode ser plenamente ele mesmo, ou seja, autêntico.

No filme "Stalker" (1979), dirigido pelo cineasta soviético Andrei Tarkovsky e inspirado no livro de ficção científica "Piquenique na Estrada" (Strugátski, Arkady; Strugátski, Boris, 2017), somos transportados para uma realidade paralela em nosso planeta, em uma linha do tempo indeterminada, que foi misteriosamente transformada em um campo de pouso para naves extraterrestres. Nessas áreas de pouso, surgiram locais enigmáticos conhecidos como 'Zonas', onde eventos inexplicáveis desafiam as leis da física e da lógica. O protagonista, chamado de 'stalker' e interpretado por Alexander Kaidanovsky, é um colecionador de objetos deixados pelos visitantes alienígenas e também serve como guia para as pessoas que desejam explorar a misteriosa 'Zona'. Acompanhado pelo 'escritor' (Anatoly Solonitsyn) e pelo 'professor' (Nikolai Grinko), eles embarcam em uma jornada em busca do elusivo 'Quarto', um local que tem o poder de realizar os desejos daqueles que se aventuram por seus corredores.

Entretanto, em uma das cenas cruciais do filme, após um incidente inexplicável, o stalker explica aos seus companheiros que a 'Zona' possui uma dinâmica complexa, repleta de armadilhas em constante mutação. Às vezes, acessar o 'Quarto' pode ser fácil; em outras, pode ser extremamente difícil. Ele acredita que a 'Zona' permite apenas a entrada daqueles que perderam toda esperança, os 'desventurados'. Dessa forma, o 'Quarto' realiza os desejos somente daqueles que já não desejam mais nada.

O que torna "Stalker" único no mundo da ficção científica não é apenas a invasão do território terrestre por alienígenas, algo comum em muitas obras do gênero, mas o fato de que essa visita não resulta em um contato direto com os habitantes da Terra. Em vez disso, nosso planeta, anteriormente insignificante, torna-se um espaço vazio, uma área que já foi completamente mapeada e dominada, um vazio preenchido onde todos os desejos se realizam para aqueles que já não desejam mais nada. No entanto, o verdadeiro conflito dos personagens de "Stalker" não reside apenas na busca por realizar seus desejos, mas sim no tormento de perceber o limite existencial do que ainda podem desejar..

Ao ler "Piquenique na Estrada" ou ao assistir ao filme "Stalker", é inevitável comparar as enigmáticas 'Zonas' com o conceito de Zona de Autonomia Temporária (TAZ<sup>3</sup>), criado por Peter Lamborn Wilson, conhecido pelo pseudônimo de Hakim Bey (2018). Esse conceito surgiu após o autor analisar e identificar, em histórias de 'utopias piratas', ligas de assassinos medievais e na literatura, espaços temporários estratégicos usados para organizar saques ou redes de informações. Essas áreas constituem "comunidades intencionais e minissociedades vivendo conscientemente à margem da lei, determinadas a permanecer assim, mesmo que por uma vida curta, mas alegre" (Bey, 2018, p. 11).

Por um lado, enquanto a 'Zona' revela a insignificância dos desejos hegemônicos ao penetrar no vazio, esse vazio é simultaneamente uma pura potência. Por outro lado, a TAZ representa o desejo hegemônico subvertido, uma existência consciente fora das normas, em um mundo "paralelo". A quebrada, por sua vez, explora a pura potência da subversão ao viver conscientemente dentro de um vazio aparentemente insignificante. Nem Zona, nem TAZ, a quebrada ainda carece de uma formulação teórica para plenamente explorar sua potência.

### **Barricadas: Da Subversão Espacial à Luta pelo Cotidiano**

Insurgências, insurreições, revoltas e sublevações são frequentemente utilizados por historiadores e cientistas sociais para descrever revoluções que não conseguiram alcançar plenamente o poder, levantes que não completaram o ciclo típico de tomada de controle. Esse ciclo abarca as seguintes etapas: traição, reação, revolução, criação de um novo Estado com novas leis que podem, por vezes, resultar em novos tipos de opressão. É uma espécie de roda da fortuna, onde a superação do antigo pode gerar um novo sistema igual ou, até mesmo, mais opressivo do que o anterior (Bey, 2018, p. 15).

No entanto, Rita Velloso (2017) enfatiza o papel especial da insurgência na transformação do poder estabelecido no espaço urbano. Ela afirma que "cada insurgência é uma experiência transitória de ruptura com o espaço; cada insurgência desestabiliza os marcos espaciais, monumentos, ruas e edifícios ao seu redor. Cada insurgência desafia a

---

<sup>3</sup> do termo em inglês: Temporary Autonomous Zone.

lógica subjacente ao planejamento urbano" (p. 45). Assim, as insurgências representam uma transformação prática da topografia das ruas.

Além de sua natureza pragmática, as barricadas também possuem um caráter *ready-made*, sendo construídas com materiais prontamente disponíveis nas proximidades, levando em consideração fatores como o tamanho da rua e a relação com as edificações e suas alturas (Löwy, 2019, p. 90). Elas representam a transformação do espaço público por aqueles que possuem poucos recursos, aproveitando os restos do que temporariamente não pertence a ninguém.

Nesse contexto, as barricadas ilustram como as revoltas dos oprimidos subvertem a geografia urbana em toda a sua complexidade. Embora frequentemente derrotadas, essas revoltas deixam uma marca nas subjetividades populares, alterando o curso da história por meio de um breve domínio das ruas, avenidas e praças. Walter Benjamin imaginou as barricadas como um local de utopia, citando Fourier, que as descreveu como "um trabalho não assalariado, mas apaixonado" (Benjamin, 2018b, p. 256).

Essa transição do trabalho assalariado para o trabalho apaixonado cria um modelo de relações baseado em afinidades, que Hakim Bey (2019) chamou de "bando". Os membros do "bando" estabelecem um contrato social fundamentado na generosidade, não obedecendo a hierarquias rígidas, mas em uma relação horizontal baseada em costumes, ligada à formação de alianças espirituais, laços familiares, interesses mútuos específicos e outras redes de correspondência. Nesse sentido, Walter Benjamin, em "Passagens", observa que nas barricadas de Paris, o espaço urbano se torna o campo estratégico para a articulação dos desejos, da raiva e do bem comum entre as classes. Assim, o gerenciamento das emoções ocorre através do bloqueio das ruas e da reconfiguração da geografia urbana.

Velloso (2017) destaca que em Paris, as barricadas representaram não apenas uma delimitação de desejos, mas também uma estratégia de bloqueio geográfico. Elas surgiram pela primeira vez em 1827 e foram novamente erguidas em 1830 para bloquear o caminho do Hotel de Ville à Praça da Bastilha. Em 1832, uma vasta área de Paris, abrangendo quase um terço da cidade, foi cercada por barricadas. Essas estruturas foram construídas principalmente por trabalhadores, que bloqueavam o exterior enquanto defendiam um espaço interior.

A revolução de fevereiro de 1848 acrescentou complexidade a esse cenário, pois exigia um governo mais democrático ao mesmo tempo em que os manifestantes estavam revoltados com a corrupção de Luís Felipe e seus assessores. Uma barricada foi erguida para transformar tanto o interior quanto o exterior. O Primeiro-Ministro Guizot, protestante, causava grande descontentamento entre a população católica. Enquanto isso, o ideal socialista se disseminava entre os proletários industriais. A conjuntura foi marcada pelo ressurgimento do nacionalismo e uma série de manifestações em prol dessas causas. Após outro levante barricado, um governo provisório foi formado, mas não conseguiu atender às demandas populares. Em junho do mesmo ano, ocorreu uma insurgência com a construção de cerca de quatrocentas barricadas (Benjamin, 2018b; Pinheiro, 2011), marcando movimentos paradigmáticos em toda a Europa e influenciando tanto a teoria quanto a prática das lutas operárias em todo o mundo.

No entanto, após a revolução de 1848, Paris foi alvo de extensas "contra-reformas" lideradas por Georges-Eugène Haussmann entre 1853 e 1870. Essas reformas envolveram a promoção de uma destruição criativa do espaço urbano. Não se tratava apenas de renovar o ambiente, mas de transformar os hábitos e costumes dos moradores, aumentar a circulação de tropas e mercadorias e expandir a reprodução do capital por meio de investimentos em infraestrutura. Essa destruição urbana foi utilizada para manter a ordem e neutralizar as classes populares (Pinheiro, 2011; Velloso, 2017). As reformas em Paris foram motivadas por um horror ao vazio muito específico. Apesar de criar grandes espaços abertos através de demolições, a intenção era eliminar áreas cegas presentes na malha urbana densamente constituída.

Em outras palavras, foi uma luta de classes que eliminou a possibilidade de conspirações ocorrerem fora do alcance do poder. Isso resultou na criação de grandes vazios agora dominados pelo poder hegemônico, impedindo a população de ocupar esses espaços com novas barricadas. Essa contra-reforma representou uma disputa entre diferentes concepções de vazios e barreiras na cidade.

Os edifícios de Haussmann são a representação perfeitamente adequada dos princípios do regime imperial absoluto, emparedados numa eternidade maciça: repressão de qualquer organização individual, de qualquer autodesenvolvimento orgânico, o ódio fundamental de toda individualidade. (Benjamin, 2018b, p. 227-228)

Podemos afirmar que Haussmann se destaca como um dos pioneiros de uma forma maquínica de colonização metropolitana, um fenômeno contemporâneo global de exploração e controle de territórios e corpos, como apontado pelos Habitantes da Zad (2021). Essa forma de colonização representa uma tentativa de erradicar as heterotopias (territórios distintos) para transformar o espaço metropolitano em uma homotopia (territórios uniformes). Assim, ela força a integração de todas as dinâmicas sociais ao mercado, marginalizando outras formas de vida em prol da mercadoria.

Como afirmou Aimé Césaire (2020, p. 13), é crucial reconhecer, sem hesitação diante das consequências, que na colonização o papel decisivo é desempenhado pelo aventureiro, pelo pirata, pelo mercador e pelo armador, pelo caçador de ouro e pelo comerciante, pelo apetite e pela força. Esse gesto é projetado pela sombra maligna de uma forma de civilização que, em determinado momento de sua história, sente-se compelida, internamente, a estender a competição de suas economias antagônicas em escala global.

Nesse contexto, o horror ao vácuo, mesmo que ilumine áreas obscuras ou preencha o vazio com novos símbolos, inevitavelmente cria 'Zonas' fictícias onde outras heterotopias podem emergir. Segundo Foucault ([1984] 2013), em uma palestra realizada em 1967 no Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris, as luzes das novas utopias sempre geram sombras que servem como sementes para outras "heterotopias" enraizadas na vida prática e cotidiana:

Há países sem lugar e histórias sem cronologias. [...]. Sem dúvida, essas cidades, esses continentes, esses planetas nasceram, como se costuma dizer, na cabeça dos homens, ou, na verdade, no interstício de suas palavras, nas espessuras de suas narrativas, ou ainda, no lugar sem lugar de seus sonhos no vazio de seus corações; numa palavra, é o doce gosto das utopias. No entanto, acredito que há – e em toda a sociedade – utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias (Foucault. [1984] 2013, p. 19).

As heterotopias podem ser consideradas "utopias localizadas", contraespaços que se contrapõem a todos os outros, destinados de certa forma a anulá-los, neutralizá-los ou purificá-los, como argumenta Foucault ([1984] 2013, p. 21). Em geral, esses espaços têm a peculiaridade de juntar em um local real diversos espaços que normalmente seriam incompatíveis entre si (Foucault, [1984] 2013, p. 24).

Nesse contexto, o projeto urbanístico de Haussmann revelou-se incapaz de eliminar completamente os pontos cegos e as zonas obscuras que foram novamente apropriados pelas classes mais vulneráveis. Apesar de toda a luz e esplendor que pretendia trazer, bastaram algumas lacunas para que novas táticas e práticas emergissem, subvertendo o alcance da visão do poder estatal. Em 1871, as multidões se organizaram novamente, ocupando não apenas becos, mas também construindo barricadas com os paralelepípedos dos novos boulevards, ressuscitando antigas 'zonas de autonomia'. Essas novas ruas voltaram a ser campos de construção e resistência.

Essas barricadas, erguidas pelo trabalho livre, tornaram-se territórios comuns, zonas de defesa para os desfavorecidos que também se transformaram em espaços habitáveis ao ar livre (Velloso, 2017). Em essência, o ritual da construção das barricadas assemelha-se a uma festa. Para Hakim Bey (2018), a festa pode ser entendida como um grupo de pessoas unidas em esforços combinados para realizar e compartilhar desejos mútuos, seja através da animação, da conversa, da endorfina ou da comida. Ela cria uma obra de arte comunitária ou, talvez, seja impulsionada pelo prazer erótico da organização social, pela pulsão de vida que emana do êxtase de estarem juntos.

O vazio espacial criado pelas barricadas representa uma potência que emerge da espontaneidade e provisoriedade, características que marcaram essa comunhão de forças. A Comuna, nesse sentido, delineou uma teoria do acontecimento fundamentada em uma dimensão perturbadora, um rompimento instaurador no qual, mediado por uma linguagem comum entre os sujeitos que o experimentam, ocorre a construção da memória coletiva. A apropriação das ruas materializa-se como a criação de um espaço que reflete mais o desejo político do que a necessidade política (Velloso, 2017, p. 55).

No século XXI, as barricadas não se limitam apenas à sua dimensão material de revolta popular e à apropriação do espaço urbano; elas também possuem uma dimensão imaterial, reivindicando o que foge ao planejamento. Representam um desejo reprimido de reconhecimento e são sinônimo de uma disputa pelo cotidiano.

## **Entre a Colonização Metropolitana e a Invisibilidade: Estratégias de Sobrevivência nas Quebradas**

De um lado, como lidar com as máquinas de colonização metropolitana e suas complexas estruturas de controle? Parece uma tarefa impossível, dada a inimaginável extensão de seu alcance, impulsionada pelo avanço tecnológico. Essas estruturas são multifacetadas, incluindo componentes corporativos e militares, e suas operações de vigilância, rastreamento e controle são cada vez mais eficazes, ocultas sob a superfície da vida cotidiana nas cidades. Stephen Graham (2016) destaca que essa colonização das metrópoles tem como objetivo central dominar problemas sociais complexos, concentrando a violência política nos espaços públicos e na vida social, usando o medo como força motriz para aprisionar cidades por meio da tecnologia e da ação estatal beligerante.

Por outro lado, como podem as populações completamente excluídas escapar dessas estruturas de controle? No audacioso mundo das ruas, sobrevivem aqueles que já não temem o perigo, prosperando não apenas com coragem, mas com ousadia, vivendo em meio aos próprios medos. Nesse contexto desafiador, a proposta para enfrentar esse dilema é explorar a invisibilidade como uma estratégia, na qual indivíduos ocupam áreas clandestinamente para suspender temporariamente o regime de visibilidade. Mesmo que por um período relativamente breve, dentro desse tempo eles criam formas de organização suficientes para garantir sua sobrevivência.

A seguir, apresentaremos as descobertas feitas até agora junto à população de rua, delineando inicialmente três tipologias de “quebradas” (ou seja, formas diretas de habitar a cidade): o mocó, o espaço favela e a casa de portas abertas. Mais do que um simples quadro descritivo, essas tipologias representam uma tentativa de estabelecer o terreno para uma nova forma de mapear esses espaços obscuros e vazios da cidade. Esse processo será discutido com mais detalhes na seção a seguir (*Escuta Flâneur: Passeios pelas Quebradas e Territorialidades Obscuras da Cidade*).

## **O Mocó e o Estigma das Quebradas Urbanas: Entre a Sobrevivência e a Desumanização**

O mocó representa a quebrada distópica, uma heterotopia pejorativa, desumanizante e perigosa. É um espaço de desespero, uma fuga interminável, uma zona para o completo distanciamento, o desapego e a (auto)desconstrução.

Quando perguntado sobre o que seria um mocó, a resposta foi simples e direta: *'Buraco de rato, é um buraco de rato!'* Esse conceito provém de um imaginário coletivo que associa mocós a locais utilizados para esconder objetos, desde bolsas até espaços desocupados que servem de abrigo ou esconderijo para a população de rua.

Apesar de não haver uma origem oficial para o termo mocó nesse contexto, a afirmação da população de rua parece ser a mais precisa. O mocó, ou *Kerodon rupestris*, é um mamífero roedor da família dos cavídeos encontrado exclusivamente no Brasil, nas regiões do semiárido e da caatinga. Ele vive em fissuras de rochedos e lajes de pedra, onde encontra sombra e maior umidade, protegendo-se do clima e de predadores. Diante dessas condições, esse roedor desenvolveu características adaptativas cruciais para sua sobrevivência (Sousa, 2006).

Outra observação importante feita pela população de rua é que a denominação desses lugares como mocós permite ao Estado o uso excessivo da força. O nome adquire um contexto pejorativo ao ser associado a locais de consumo de drogas, esconderijos de armas e objetos provenientes de furtos. Conforme Dias (2007), essa dupla associação descredita a vida humana, animalizando as pessoas que se abrigam nesses espaços e colocando-as na condição de praga. Esse conceito de que há vidas que realmente importam alimenta um discurso que justifica a violência contra essas pessoas.

## Espaço favela



Figura 1: Ocupação da Estrutura da Sede do Instituto de Arquitetos do Brasil - Goiás  
Fonte: Arquivo pessoal (2022)

São ocupações realizadas pela população de rua em prédios abandonados, geralmente não ligadas a movimentos formais de ocupação (figura 1). Apesar de não estarem vinculadas a organizações habitacionais, essas ocupações compartilham de um "paradoxo do provisório-permanente", como aponta Urpi (2019). Devido à falta de segurança jurídica, os moradores desses locais podem ser desalojados a qualquer momento, resultando em uma constante insegurança. Isso leva a adaptações improvisadas, enraizamentos temporários e soluções contingenciais, todas caracterizadas pela natureza efêmera e temporária.

As pessoas não têm para onde ir, moradores de rua ocuparam aquele espaço. Então ele é um espaço favela, um espaço que, mesmo que não tenha saneamento básico, não tem energia. [...] não tem um banheiro, mas está sendo um espaço onde eles não estão no sereno, estão é protegido por paredes e tal. (entrevistado)

A população de rua, assim como as camadas populares, aspira por locais de habitação bem localizados devido às diversas características relacionadas a esses lugares. Isso pode envolver proximidade com o local de trabalho, frequentemente associada à coleta de materiais recicláveis e outras atividades de subsistência, ou a construção de uma

rede de apoio que engloba laços familiares, de amizade e de vizinhança. Dessa forma, os espaços-favela são tipicamente estabelecidos em áreas centrais, preferencialmente.

[...] Pros caras trabalhar no sinaleiro também. Então é assim. A maioria dos caras que moram ali naquela área, eles trabalham ali lavando um carro. [...] Exerce alguma coisa, vende uma balinha, vende uma água, então até pede também, né? Para se manter em si. Então, para mim, cara, ele é um espaço muito estratégico [...]. (entrevistado)

### **Territórios de Luta e Vida: Barricadas de Corpos na Cidade**

Certa vez, ao interrogar uma pessoa em situação de rua se ele poderia me ceder uma entrevista, ele me respondeu: ‘eu vivo ali naquele colchão, a casa está de portas abertas’. Essa fala demonstra a relação que a população de rua tem com o território: um espaço onde a intimidade e a espacialidade são mediadas pela temporalidade, uma vez que ao não possuir um fechamento físico a apropriação do território é dada pela presença.



Figura 2: A casa de portas abertas  
Fonte: Arquivo pessoal (2022)

O território é entendido como a ocupação de um determinado espaço e as relações construídas a partir das diferentes temporalidades e seus elementos, que podem variar desde uma calçada, um corpo no chão, um amontoado de papelão e um cobertor, até uma

barraca de camping, um sofá ou uma cadeira. Todos esses elementos compõem territórios de resistência e de vida direta na cidade.

Essas imagens desafiam a normalidade ao revelar uma realidade muitas vezes obscurecida. Esses pequenos territórios concedidos podem ter a escala de um corpo humano (distante, contrastante, por vezes chocante). Este corpo pode estar em movimento ou em repouso, e seu território, sem sentido ou estabilidade, se transforma à medida que estabelece novas relações de deslocamento e permanência. Esse corpo se apresenta em sua capacidade de ser afetado e de afetar outros corpos.

Nesse contexto, a barricada se manifesta em sua forma mais elementar: uma barricada de corpos. A territorialidade formada por esses corpos é definida pela maneira como os elementos de cada território são manipulados, pelas distâncias entre um corpo e outro, pelas formas de apropriação e composição corporal que surgem por meio das distâncias estabelecidas, sejam elas frontais ou laterais. Esses corpos são sempre moldados pelas relações com os materiais próximos, tornando-os simultaneamente diversos e múltiplos. Nesse contexto, a barricada não é apenas uma estrutura defensiva, mas camadas sobrepostas que criam novas formas de habitar (CERVANTES, 2021).

## **Metodologia**

### **Escuta Flâneur: Passeios pelas Quebradas e Territorialidades Obscuras da Cidade**

A selva é como ela é, vaidosa e ambiciosa  
Irada e luxuriosa  
Pros moleque da quebrada  
Um futuro mais ameno, essa é a meta  
Pela fundão, sem palavras, muito amor  
(RACIONAIS MC'S, 2002)

A territorialidade da quebrada é um espaço multifacetado, carregado de significados complexos e contraditórios. Por um lado, essa realidade é marcada por uma dimensão obscura, traumática, opaca e silenciada, representando as experiências de exclusão e marginalização. Por outro lado, a quebrada se revela como um terreno fértil para a recriação de limites, a liberação de vazios e a exploração da imaginação, dando origem a novas formas de apropriação e resistência.

Para compreender esses espaços como barricadas contemporâneas contra a colonização metropolitana, é necessário muito mais do que simplesmente adotar um novo

método analítico. É preciso uma profunda reflexão sobre o processo de escavação a contra-pelo, uma abordagem que transcenda os limites convencionais dos mapas. Para enxergar as quebradas como barricadas, é essencial superar as fronteiras impostas pelos mapas, ao mesmo tempo em que os utilizamos como ferramentas para explorar novos caminhos e possibilidades.

Nesse contexto, é fundamental adotar uma postura de escuta atenta, combinada com a liberdade de divagar e perambular pelos territórios da quebrada. Somente ao nos permitirmos flutuar entre diferentes saberes e perspectivas, podemos verdadeiramente compreender a riqueza e a complexidade desses espaços. Como Hakim Bey (2018) destaca, desde 1899, quando o último pedaço de terra foi reivindicado por uma nação, não existe mais uma terra verdadeiramente fora das fronteiras conhecidas. Mesmo o vasto sistema solar está pretensamente demarcado. No entanto, existem territórios vastos e inexplorados que se escondem nas intrincadas dimensões geográficas, escapando das medidas cartesianas.

Assim, ao explorarmos as quebradas como barricadas contemporâneas, devemos lembrar que nosso entendimento desses territórios é sempre incompleto e fluido. Devemos estar dispostos a abandonar os mapas tradicionais e nos aventurar pelos espaços desconhecidos, onde a escuta atenta, a imaginação e a reflexão nos guiarão na busca por uma compreensão mais profunda e autêntica da complexidade dessas realidades.

Os mapas, por sua natureza, nunca conseguiram reproduzir completamente a totalidade do mundo devido à sua incapacidade de oferecer uma representação exata. Eles não apenas deixam espaços invisíveis nas cartografias de controle e poder (BEY, 2018), mas também criam novos espaços invisíveis, habitados por seres estranhos e excluídos. No universo de Stalker, uma operação é realizada para criar vazios e liberar desejos, de forma semelhante ao conceito de Zona Autônoma Temporária (TAZ), que separa uma área das construções das estruturas hegemônicas. A questão que se coloca é como as quebradas liberam uma área de imaginação, tempo e terra, que se desterritorializa e reterritorializa em outras temporalidades, ocupando e discursando clandestinamente sobre esses lugares.

Benjamin (2012) identificou um empobrecimento da experiência no mundo contemporâneo, causado pela fusão entre natureza e técnica, entre ingenuidade e conforto.

Ele argumenta que a complexidade da vida moderna levou as pessoas a buscarem apenas a autossuficiência cotidiana, deixando de lado a elaboração e transmissão das experiências absorvidas no cotidiano por meio de narrativas. A Primeira Guerra Mundial, por exemplo, deixou os homens mudos e empobrecidos de experiências ao compartilharem um mundo traumático envolto em técnica.

Para Benjamin (2018a), os contadores de histórias tradicionais se baseavam em uma transmissão oral de suas experiências, através de ditos populares, contos de fadas ou pela simples transmissão de conhecimento investida pela autoridade recebida com a idade. A arte de contar histórias era uma forma artesanal de comunicação, não apenas sobre os fatos em si, mas sobre as experiências vividas pelos contadores de histórias, como se cada narrativa carregasse uma marca única, "tal como a marca do oleiro no vaso de barro" (Benjamin, 2018a, p. 149). Os contadores de histórias podiam ser divididos em dois grupos: os viajantes e os que trabalhavam a terra com as mãos, ambos compartilhando experiências, mas diferenciando-se nos modos de vivenciá-las (Benjamin, 2018a).

Além desse contexto na cidade moderna, surge a figura do Flâneur, um observador que se move de forma fluida e contra o ritmo imposto pela sociedade, permitindo pausas e reflexões que possibilitam novas formas de experiência. Nesse cenário, o jornalista carioca João do Rio destaca a importância de uma abordagem flâneur, uma atitude "vagabunda", cheia de curiosidade e desejo de experimentar a cidade (Rio, 2016, p. 12) para compreendê-la verdadeiramente.

Assim, a quebrada, com sua dinâmica obscura, emudecida e fugaz, exige uma forma inovadora de escuta que flutue entre a observação e a divagação. Requer uma abordagem flâneur não apenas como um método etnográfico descompromissado, mas como uma investigação profunda das diversas territorialidades vividas por meio de diferentes discursos e histórias. Essa escuta, sensível tanto à voz quanto à territorialidade do outro obscuro, é o que chamamos de Escuta Flâneur, uma prática que reconhece a narrativa como a própria constituição de uma territorialidade viva e em constante transformação.

Tânia Ferreira (2018) destaca que a verdadeira escuta implica reconhecer o saber inerente àqueles que compartilham suas experiências. Esse conhecimento é enraizado nas

vivências dos indivíduos e no ato de comunicação. Ao expressarem suas narrativas, eles se apropriam do que dizem, renovando-se e recriando-se continuamente. Nesse contexto, o personagem flâneur se assemelha à metáfora do arqueólogo. Ao adotar um ritmo diferente daquele imposto pelas máquinas da colonização metropolitana, torna-se possível escavar a cidade por meio da escuta das territorialidades obscurecidas. Isso revela as marcas inscritas nas palavras dos sujeitos que vagam e habitam a cidade, permitindo-nos observar como essas narrativas se entrelaçam para criar uma experiência multifacetada de corpo, lar e comunidade. Esse modelo de escuta não apenas permite ao pesquisador receber informações, mas também o capacita a contextualizar os significados subjacentes aos símbolos compartilhados.

A metodologia adotada para a seleção das pessoas ouvidas baseou-se na observação flutuante, conforme descrito por Colette Pétonnet (2008). Essa abordagem envolve disponibilidade durante caminhadas descompromissadas, permitindo que encontros se desenrolem de maneira casual e aleatória. Não se buscou interagir com indivíduos previamente conhecidos, mas sim com aqueles completamente estranhos, eliminando qualquer preconceção. A cidade serviu como mediadora, removendo barreiras institucionais e criando um primeiro encontro anônimo. Em situações de total anonimato, as palavras fluem livremente, sem restrições ou guardiões, revelando aspectos reais ou imaginários da pessoa (Pétonnet, 2006).

Essa observação flutuante deve estar em sintonia com a escuta flâneur, pois a disponibilidade para iniciar uma jornada desinteressada surge a partir desses encontros. Trata-se de uma exploração muito particular do significado que o outro atribui ao seu propósito ali presente (Simões, 2008). No entanto, esse passeio aparentemente desinteressado é longe de ser sem objetivo. Ao oferecer essa oportunidade, histórias pessoais surgem naturalmente, revelando relações e significados oriundos da própria vida: experiências de luto, traumas, ancestralidade, conflitos, memórias e filosofias de vida, entre outros (Pétonnet, 2006). Portanto, a intenção de se perder para descobrir modos de vida urbanos obscuros e silenciados deve ser impulsionada por essa exploração desinteressada, revelando gradualmente maneiras de se encontrar e se reconectar.

Por fim, a habilidade de avançar e traçar esse percurso fluido pelas áreas marginais, explorando as territorialidades que emergem de uma escuta sensível, nos

coloca em proximidade com as fissuras no mundo hegemônico. Isso nos permite identificar o vácuo oculto, presente até nos territórios mais iluminados e controlados de nossas cidades contemporâneas. Essa jornada não apenas fornece respostas em relação às áreas marginais, mas também possibilitou compreender que essas áreas podem representar uma resposta para desmapear o mundo, permitindo a criação de espaços vazios nos limites da cidade hegemônica e revelando novas perspectivas para compreender e habitar o mundo ao nosso redor.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem, tradução, literatura*. [Filosofia, teoria e crítica]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018a.
- \_\_\_\_\_. *Passagens*. 3 vols. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018b.
- BEY, Hakim. *TAZ - Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Veneta, 2018.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 2020.
- DIAS, Adriana Abreu Magalhaes Dias. *Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet* / Adriana Abreu Magalhães Dias. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, As heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- GRAHAM, Stephen. *Cidades sitiadas: O novo urbanismo militar*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HABITANTES DA ZAD, Notre-Dame-des-Landes. *Tomar a terra*. São Paulo, Glac, 2021.
- FERREIRA, Tânia. *Pesquisa em psicanálise: a conversação e a entrevista clínica como oferta da palavra - a aposta na invenção subjetiva*. In. FERREIRA, T.; VORCARO, A. (Org.). *Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução Urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LÖWY, Michael. *A Revolução é o Freio de Emergência: Ensaio Sobre Walter Benjamin*.

São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

URPI, Montoya Uriarte. (2019). Habitar Casarões Ocupados No Centro Histórico De Salvador, Bahia, Brasil: velhos cortiços e novas experiências e direitos. *Caderno CRH*, 32(86), 383–393.

CERVANTES, Tadeo. *Toward a Politics of Body-Barricades*. Ill Will, 2021. Disponível em: <https://illwill.com/toward-a-politics-of-body-barricades>. Acesso em: 10 de agosto de 2022

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropológicas*, Niterói, n. 25, p. 99 – 111, 2008. Disponível em: <<http://www.marcoareliosc.com.br/08petonnet.pdf>>. Acesso em: 05 fevereiro. 2022.

\_\_\_\_\_. *L'anonymat ou la pellicule protectrice. Le temps de la réflexion*, 1987, VIII (La ville inquiète), pp.247-261, 2006. Disponível em: <http://www.marcoareliosc.com.br/08petonnet.pdf> . Acesso em: 14 fevereiro. 2022.

PINHEIRO, Eloísa Petti. *Haussmannização ou haussmannizações?*. In: Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador) [online]. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 67-87.

RIO, João do. *A Rua*. São Paulo: Edições Barbatana, 2016.

SIMÕES, S. S. *Observação Flutuante: uma observação 'desendereçada'*. Antropolítica (UFF), v. 25, p. 193-196, 2008.

SOUSA, Rute Alves de. *Caracterização do ritmo de atividade/repouso do Mocó (Kerodon Rupestris) em fotoperíodo artificial*. 2006. 80 f. Tese (Doutorado em Estudos de Comportamento; Psicologia Fisiológica) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

RACIONAIS MC'S. *Dá ponte pra cá*. São Paulo: Cosa Nostra:2002. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/77ZXEJcwC7r4gfodNwERJz?si=1730cd32f9e145e6>. Acesso em 10 ago. 2022. (8:48 min).

STRUGÁTSKI, Arkady.; STRUGÁTSKI, Boris. *Piquenique na Estrada*. São Paulo: Editora Aleph, 2017.

STALKER. Direção de Andrei Tarkovski. Moscou: Mosfilm, 1979. 1 Blu-ray (161 min.)

VELLOSO, Rita. *O tempo do agora da insurgência: memória de gestos e política do espaço, segundo Walter Benjamin*. In: BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. *Corpocidade: gestos urbanos*. Salvador: Edufba, 2017. p. 42-69.

ZUKER, Fábio. *Em rota de fuga*. São Paulo: Quadradocirculo; Editora Hedra, 2020.